

ILHÉUS

MOIRA FORJAZ





FUNDAÇÃO EUGÉNIO DE ALMEIDA
CENTRO DE ARTE E CULTURA
ÉVORA - ABERTURA > 19.09.2020

CURADORIA / CURATOR
PAOLA ROLLETTA

ILHÉUS

MOIRA FORJAZ

ILHÉUS

Paola Rolletta, Curadora

Uma mulher, o olhar profundo pela maquiagem caricata ressaltando o branco do pó de *m'siro*¹ no rosto, está de pé encostada a uma parede mal caiada. Parece olhar para o espelho partido a meio - quase uma meia-lua - mas olha direito para a objetiva enquanto controla com gesto gracioso o lenço que lhe envolve a cabeça.

As unhas pintadas, as joias – brincos, colares e anel em filigrana indo-portuguesa –, o lenço, o quimão típico da tradição macúá, de cores garridas que contrastam com o cinzento da parede e o azul desbotado de uma porta de madeira, sobressaem de tal maneira que parece uma foto em 3D.

É Janina Momade, a capa de *Ilhéus*, o último livro de Moira Forjaz sobre a Ilha de Moçambique, cujos retratos são protagonistas desta exposição. Juntamente com Janina estão os outros Ilhéus *colocados* ao longo das ruelas, nas suas casas, nos degraus, nas esteiras da Ilha de Moçambique banhada, rodeada, lambida, alimentada, amada, por vezes mal-amada, pelo Oceano Índico, aquele mar que está por “detrás de tantos nomes e tantos cruzamentos de tanta diversidade” (João Paulo Borges Coelho).

Os protagonistas são ilhéus idosos que deixaram entrar a fotografia na sua intimidade, contando as suas vidas na primeira pessoa. Provavelmente foi a primeira vez que alguém lhe pediu para falar de si, dos próprios sonhos, da vida que levaram e daquela que queriam ter levado. Das suas frustrações, das deceções e das suas satisfações. Da sua vida.

Vestiram as roupas melhores, as mulheres da Ilha. As capulanas (panos) mais caprichadas, tiradas do baú para a ocasião. Há sempre uma capulana para qualquer ocasião... e falam tanto até que finalmente chega o *click* que as imortaliza e lhes rende a justiça de um anonimato forçado pela história.

Ilhéus é um projeto sobre a vida, sobre o facto que tudo está dentro de um único grande céu e todos têm direito a ter um nome. Não há nada de mais importante do que o nosso nome: é só com ele que existimos.

Muitos dos ilhéus não têm documentos, extraviados pelos ciclones, perdidos nas andanças entre a Ilha e o continente, pobreza e miséria, ilusão e devaneio de esperança por outro futuro.

Moira Forjaz conhece a Ilha desde há muito tempo. Foi logo a seguir à independência de Moçambique que fez aí a sua primeira viagem. Fez um livro, *Muipiti*, que deu a volta ao mundo. Muito mundo passou desde então até que em 2012 ela decidiu fixar a sua residência mesmo na Ilha de Moçambique. Com 70 anos de idade quis ser ilhoa.

Faz amizades com os ilhéus, nesta ilha onde as cores vivas se uniformizam na sépia acastanhada da pedra e da areia. Moira consegue realçar essas cores através das pessoas, dos ilhéus que lhes contam as suas histórias.

Não está à procura de uma bela fotografia, não está presa à construção mental que induz a observar o sujeito de um ponto de vista principalmente estético. A intenção de Moira é, ao invés, capturar o espírito do sujeito. E o espírito é a própria vida e a sua dignidade.

Por isso, as arquiteturas, os muros, os degraus, as ruas e os corpos humanos são todos sujeitos que contêm um hálito de espiritualidade que podemos reconduzir a uma sacralidade arcaica.

A sua é uma fotografia que revela como a complexa beleza da vida pode transmutar-se em decadência e de como esta continua a ser “bela”; de quanta beleza é feita a complexidade, “no *setim* que fica por baixo do *m'siro*” (Alexandre Lobato).

1. *m'siro*: pasta preparada com a *Olax Dissitiflora* e água, usada para fins curativos, rituais e cosméticos.

Como a história do costureiro de *Muipiti* que borda um pano com máquina de costura antiga como a Ilha, com a sua viagem pessoal a Meca, para ser finalmente um *haji*, o nome que assumem os crentes muçulmanos que realizaram essa viagem. Uma metáfora com flores e peixes e linhas: desenhos de uma visão do mundo e da sua história.

Compreendemos a empatia que guiou a mão de Moira, muito longe da rapidez com que tanta fotografia digital, feita para ser consumida, se tem afirmado nos tempos recentes. Nestes 44 retratos, a cor é usada como aspiração absoluta, como ética: nós que olhamos somos re-olhados pela matéria inerte de onde sobressai a luz da cor que atinge os nossos olhos.

Quando Vasco da Gama ali chegou, em 1498, havia na Ilha importantes povoações, com forte presença árabe, sujeitas ao sultão de Zanzibar.

Os portugueses fizeram da Ilha um entreposto comercial e militar de extrema importância durante quatro séculos, mantendo contactos entre a Índia, Zanzibar e o mundo árabe.

Na Ilha foi construída a primeira mesquita da África Austral, o primeiro templo hindu e a primeira capela católica: testemunhos das hegemonias económicas e culturais.

Durante os séculos XVIII e XIX dominou a economia da escravatura.

A Ilha virou um centro urbano de excelência. Três quartos da ilha com edifícios em pedra coralina e cal, materiais retirados da parte meridional da ilha, criando um enorme buraco onde foram habitar os escravos e os libertos, em palhotas de *macúti* (palmeiras). Uma linha invisível, mesmo sendo uma fronteira bem evidente, dividia a Ilha em duas partes: a cidade colonial e os bairros indígenas.

O Brasil era o principal destino do comércio de escravos da Ilha de Moçambique. A independência do Brasil em 1822 fez cair a economia da Ilha, na altura capital da colónia portuguesa. Em 1898 a capital passou a ser Lourenço Marques (atual Maputo).

A ponte que a liga ao continente foi construída nos anos 60. Essa linha subtil de três quilómetros transformou a Ilha numa ilha. Sem ponte seria ainda um mundo à parte. “Os habitantes olham o continente com desdém, outras vezes como se o desejassem. Nunca se decidindo, todavia, alancá-lo” (João Paulo Borges Coelho). Mas será que o continente os quer?

Depois da abertura do porto de Nacala, em 1970, a Ilha perdeu o que restava da sua importância estratégica e comercial.

A Ilha caiu num torpor preservando aquela sua peculiaridade arquitetónica, aquela mistura entre elementos portugueses, indianos, suaíli onde “a pedra coral cortada pelos pedreiros de Diu imitaram, no Índico, as imitações duma arquitetura mais mediterrânica que atlântica, nos vermelhos e nos amarelos que se casaram aqui vindos da Índia, da Europa e da África” (José Forjaz). Com as cores e as pessoas se descolorando e as pedras e as pessoas se esmigalhando ao ritmo das marés.

A Ilha e os ilhéus ficaram, pois, vítimas do exotismo e da ideologia: atribuiu-se-lhe uma evanescência, quase que não obrigada a ter uma existência real, mas ser apenas testemunho de um passado, não corpo vivo, até vítima da História, do seu hibridismo, “encruzilhada de diferentes civilizações e culturas... um dos maiores monumentos dos fundamentos marítimos e idiossincráticos da expansão europeia” (João Paulo Borges Coelho).

Declarada Património da Humanidade pela UNESCO, em 1991, a Ilha é objeto, desde o final da guerra civil em 1992, de pesquisas e análises para a recuperação das atividades económicas tradicionais, dos edifícios da cidade em pedra e cal e das casas de *macúti*.

Aqui e acolá, na cidade de pedra e cal, são vários os edifícios reabilitados de forma a manter as antigas tipologias. Aqui e acolá, na cidade de *macúti*, as chapas de zinco já substituem o *macúti*.

A Rua da Saúde, onde fica o cenográfico edifício do Hospital, era a linha de demarcação entre as duas cidades, a dos brancos e a dos negros, a dos ricos e a dos pobres. Um *genius loci* que vai sendo engolido pelo substrato coralino e rochoso da rua. Na escuridão do esquecimento. Estes Ilhéus são os últimos testemunhos desse tempo.

ISLANDERS

Paola Rolletta, Curator

A woman stands, her gaze deepened by the odd makeup, the white powder of the *m'siro*¹ standing out on her face, leaning against a poorly whitewashed wall. She seems to be gazing at a mirror, the surface cracked in half – almost a half moon – but she is staring straight at the lenses as she controls with a graceful gesture the scarf that wraps around her head.

The painted nails, the jewelry – earrings, necklaces and ring in Indo-Portuguese filigree – the scarf, the typical traditional *quimão*² *macúá*, its bright colors contrasting with the grey walls and the faded blue of a wooden door, standing out so sharply it looks like a 3D picture.

She is Janina Momade, the cover of *Islanders*, Moira Forjaz's latest book about the Island of Mozambique, whose portraits are the protagonists of this exhibit.

Along with Janina there are other Islanders, *placed* throughout the alleys, in their homes, on the steps, on the mats, people of the Island of Mozambique, bathed, surrounded, licked, fed, beloved and sometimes unloved by the Indian Ocean, the sea responsible for "so many names and so many crossings of so much diversity" (João Paulo Borges Coelho).

The protagonists are elderly islanders that have allowed the photographer to come into their intimacy, telling their lives in the first person. It was probably the first time someone asked them to talk about themselves, their dreams, the life they lived and the life they wished they could have lived. Their frustrations, their disappointments and their satisfactions. Their lives.

They wore their best clothes, the women of the Island. The most gorgeous *capulanas* (a *sarong*-like length of fabric) were taken from their trunks just for that occasion. There is a *capulana* for every occasion... and they talk at length until the arrival of the *click* that immortalizes and grants them justice from an anonymity forced by history.

1. *m'siro*: A paste prepared with water and *Olex Dissitiflora*, used for healing, ritual and cosmetic purposes.
2. NT – A long sleeved robe-like dress.

Islanders is a project about life, about the fact that everything is under a single great sky and everyone has the right to a name. There is nothing more important than our names: we exist only with it.

Many of the islanders don't have any documents, gone astray with the cyclones, lost in the comings and goings between Island and continent, poverty and squalor, illusion, and wishful hopes for another future.

Moira Forjaz has known the Island since a long time ago. She made her first trip to Mozambique right after its independence. She created a book, *Muipiti*, that went around the world. A long time has passed since then, until in 2012 she decided to settle in the Island of Mozambique. At 70 years old she wanted to be an islander.

She made friends with the islanders in this island where the bright colors become uniform with the the brownish sepiá of stone and sand. Moira can bring out those colors through people, through the islanders that tell her their stories.

She is not looking for a beautiful picture, she is not bound to the intellectual construction that induces the observation of the subject from a mainly aesthetic point of view. Instead Moira's intent is to capture of the spirit of the person. And spirit is life itself and its dignity.

For that reason, the architectures, the walls, the steps, the streets and the human bodies are all subjects that contain a breath of spirituality from which an archaic sacredness can be rechanneled.

Hers is a photography that reveals how the beauty of life can transmute into decay and how it remains "beautiful"; of how much of beauty is held in the complexity of "the *satin* that is under the *m'siro*" (Alexandre Lobato).

Like the story of the *Muipiti* tailor that embroiders fabric with a sewing machine as old as the Island, telling the story of his personal journey to Mecca, to finally become *haji*, the name adopted by the Muslim believers that have undertaken that journey. A metaphor of flowers, fish and lines: images of his worldview and history.

We understand the empathy that guided Moira's hand, far from the speed with which a lot of digital photography is taken, made to be consumed, as it has been asserting itself recently. In these 44 portrayals color is used as the ultimate goal, as ethic: we that look, are being looked back, by inert matter from which the light of the colors stands out, reaching our eyes.

When Vasco da Gama arrived, in 1498, there were in the Island several important settlements with a strong Arab presence, under the control of the Sultan of Zanzibar.

The Portuguese made the Island an extremely important commercial and military base, keeping contact between India, Zanzibar and the Arab world.

The first mosque, the first hindu temple and the first catholic chapel of Southern Africa were built on the Island: witnesses of the economic and cultural hegemonies.

During the XVIII and XIX centuries the slave trade was a dominant part of the economy.

The Island became a preferred urban center. Three quarters of the island were coralline limestone and whitewashed buildings, materials taken from the southern part of the island, creating an enormous hole where slaves and freed men came to dwell, in *macúti* (palm tree) huts. An invisible line, while being a very clear border, divided the Island in two: the colonial city and the indigenous neighborhoods.

Brazil was the main destination of the slave trade from the Island of Mozambique. The Brazilian Independence in 1822 made the economy of the Island crash, as it was, at the time, the capital of the Portuguese colony. In 1898 the capital was transferred to Lourenço Marques (currently Maputo).

The bridge that connects it to the continent was built in the 60's. That subtle three-kilometer line made the Island an island. Without the bridge it would still be a separate world. "The inhabitants look at the continent with disdain, and sometimes as if they desired it. Never, however, trying to reach it" (João Paulo Borges Coelho). But does the continent want them?

After the opening of Nacala port, in 1970, the Island lost what remained of its commercial and strategic importance.

The Island fell into a torpor, preserving those architectonic peculiarities, that mixture of Portuguese, Indian and Swahili, where the "coralline limestone cut by the stonemasons of Diu copying, in the Indian ocean, the reproductions of a more Mediterranean than Atlantic architecture, in the reds and yellows that married here from India, Europe and Africa" (José Forjaz). With the colors and people fading and the stones and people crumbling to the rhythm of the tides.

The Island and its islanders became, therefore, victims of exoticism and ideology: they were given transcendence, almost unchained from the need to have a real existence, yet remaining a testament of the past, an unliving body, a victim of History even, of its own hybridization, the "crossroads of different civilizations and cultures... one of the greatest monuments of the maritime and idiosyncratic principles of the European expansion" (João Paulo Borges Coelho).

It was declared an UNESCO's World Heritage Site in 1991 and, since the end of the civil war in 1992, was the target of research and analysis meant to recover the traditional economic activities, the buildings made from stone and whitewash, the *macúti* houses.

Here and there, within the city of stone and whitewash, there are several buildings that were rehabilitated to keep their old typologies. Here and there, within the city of *macúti*, zinc plates have already replaced the *macúti*.

The *Rua da Saúde*, where the scenic building of the Hospital stands, was the line parting the two cities, white people from black people, rich from poor. A *genius loci* that is being swallowed by the coralline limestone and rocky substrate of the street. Into the darkness of oblivion. These Islanders are the last witnesses of that time.

Nem vinte anos tinha quando Moira Mathison (1942) quis sair do estreito enclave branco em Bulawayo, na ex-Rodésia, para abrir as asas e estudar arte. Eram os anos 60 e mudou-se para Joanesburgo. Com o dinheiro da venda de um casaco de pele - prenda do pai, Moira comprou a sua primeira máquina fotográfica, o talismã que a tem acompanhado ao longo de uma carreira marcada pela história de muitas revoluções.

Os anos 60 foram anos de luta. Luta contra o colonialismo. Foram anos de engajamento total e grandes (e)utopias. E os primeiros encontros em Joanesburgo marcaram para sempre a vida de Moira. Hillary Hamburger, Joe Slovo, Ruth First, e David Goldblatt, o fotógrafo conhecido pelas fotos durante o *apartheid*.

As detenções e o subsequente julgamento da liderança do ANC mudaram a história da África do Sul, tendo repercussões na história de Moira.

Foi sobretudo em Moçambique - onde encontrou o seu futuro marido, o arquiteto José Forjaz - que Moira desenvolveu a sua habilidade, tornando-se uma das fotógrafas oficiais do Presidente Samora Machel.

O engajamento político e social passou pela fotografia e pelo cinema, registando gentes, lutas, música, resgatando a vida com a sua miséria e a sua nobreza.

A Samora Machel e a Ruth First (com quem colaborou em vários trabalhos de campo), Moira dedicou o livro fotográfico *Moçambique de 1975 a 1985*, (2015), a preto e branco, onde se cruzam vários aspetos da vida dos primeiros anos do novo país, numa profunda sinestesia entre fotos e textos.

A beleza como dinamismo para a justiça social, o comprometimento, o trabalho, são as marcas mais profundas da personalidade de Moira que, além de fotógrafa,

foi cineasta (com Jean-Luc Godard), galerista (em Lisboa, nos anos 90), depois diretora de festivais de música em Portugal e em Moçambique.

Em 2012, Moira decidiu ir viver para a Ilha de Moçambique. A Ilha é o seu grande amor, que conheceu em 1976. Às suas gentes dedicou o seu primeiro livro fotográfico *Muiipiti*, a branco e preto, editado em 1983, onde se percebe a cumplicidade entre a beleza dos cenários e a vida da população plural, além dos testemunhos patrimoniais da primeira capital moçambicana. Uma seleção das provas da época e outros originais foram expostas, anos mais tarde, em Roma, na Livraria "Paesi Nuovi", famosa por ter sido o local do encontro, em 1970, de três líderes africanos, Amílcar Cabral, Agostinho Neto e Marcelino dos Santos, antes da audiência com o Papa Paulo VI que lhes deu a encíclica *Populorum Progressio*.

Em 2019, a bibliografia de Moira Forjaz enriquece-se com o livro *Ilhéus*, com fotos a cores, um desenvolvimento natural de *Muiipiti*, focando-se nos ilhéus idosos. São imagens em que o rosto e o corpo se sobrepõem à História: ilhéus que a deixaram entrar na sua intimidade, contando as suas vidas na primeira pessoa.

Algumas das fotos de *Muiipiti*, juntamente com outras que constam de *Ilhéus*, foram expostas em Veneza, no Pavilhão de Moçambique, em 2019.

O percurso fotográfico de Moira é uma caminhada constante para encontrar o significado mais recôndito da existência humana. Cada fotografia é como se fosse a sua pegada profunda e nítida, retratando seres numa união indissolúvel com a sua própria alma.

E foi na Ilha que Moira deu um passo à frente com o digital: "Só uma Nikon, uma lente de 50, luz natural e empatia. Na Ilha, voltei a ser fotógrafa".

MOIRA FORJAZ

Moira Mathison (1942) wasn't even twenty years old when she wanted to leave from the small white enclave of Bulawayo, in ex-Rhodesia, to spread her wings and study art. It was the 60's and she moved to Johannesburg. With the money made from selling a fur coat - a gift from her father, Moira bought her first camera, the talisman that has been with her throughout a career marked by the history of many revolutions.

The 60's were years of conflict. Fight against colonialism. Years of total engagement and great (e)utopias. And the first encounters in Johannesburg forever marked Moira's life. Hillary Hamburger, Joe Slovo, Ruth First, and David Goldblatt, the photographer known for his pictures during apartheid. The arrests and subsequent trial of the ANC leadership changed South Africa's history and had repercussions in Moira's story.

It was mainly in Mozambique - where she found her future husband, the architect José Forjaz - that Moira developed her skills, becoming one of the official photographers of President Samora Machel.

The political and social engagement moved through photograph and cinema, archiving people, fights, music, preserving life with its misery and nobility. She dedicated her photographic book, *Mozambique from 1975 to 1985*, (2015), to Samora Machel and Ruth First (with whom she collaborated in several field works), a book in black and white, where several aspects of life regarding the first years of a new country crisscross in a deep synesthesia between photo and text.

Beauty as a dynamo for social justice, commitment and work are deep imprints of Moira's personality that, in addition to being a photographer, was also a film-maker

(with Jean-Luc Godard), gallery owner (in Lisbon in the 90's) and then a musical festival director in Portugal and Mozambique.

In 2012 Moira decided to live in the Island of Mozambique. The Island is her greatest love, found in 1976. She dedicated her first black and white photograph book, *Muiipiti*, edited in 1983, to its people where we can perceive the complicity between the beauty of the scenery and the life of the people, as well as the patrimonial testaments of the first capital of Mozambique. A selection of the prints of the time and other originals were exhibited, years later, in Rome, in the "Paesi Nuovi" Bookstore, famous for being the place where, in 1970, three African leaders, Amílcar Cabral, Agostinho Neto and Marcelino dos Santos, met before the audience with the Pope Paul VI, where they were granted the *Populorum Progressio* encyclical document.

In 2019 Moira Forjaz's bibliography is enriched with the publication of *Islanders*, a natural progression from *Muiipiti*, composed with color photos focusing on the elderly islanders. They are pictures where face and body overcome History: islanders that have allowed her into their intimacy, telling their stories firsthand.

Some of *Muiipiti's* photos, along with others featured in *Islanders*, were exhibited in Venice, at the Mozambique Pavilion in 2019.

Moira's photographic career is a constant progression to find the meaning of the deepest and most hidden aspects of human existence. Each picture bears a deep and clear imprint of her, portraying beings in an indissoluble union with their own soul.

And it was in the Island that Moira took a stride towards the digital: "Just a Nikon, a 50 lenses, natural light and empathy. In the Island I once again became a photographer".

PROGRAMA EDUCATIVO / EDUCATIONAL PROGRAM

ATIVIDADES PARALELAS / PARALLEL ACTIVITIES

VISITAS GUIADAS / GUIDED TOURS

CONSULTAR PROGRAMA ESPECÍFICO EM / SPECIFIC PROGRAM AT
WWW.FEA.PT/CENTRODEARTEECULTURA/ILHEUS

VISITAS GUIADAS E VISITAS COM OFICINA / GUIDED TOURS AND TOURS WITH WORKSHOPS

PÚBLICOS PRÉ-ESCOLARES E ESCOLARES

DE TERÇA-FEIRA A SEXTA-FEIRA, ENTRE AS 10:00 E AS 18:00, MEDIANTE MARCAÇÃO PRÉVIA¹

DURAÇÃO: 60-90 MINUTOS

1,00€/ALUNO

PRE-SCHOOL AND SCHOOL-AGE AUDIENCE

TUESDAY TO FRIDAY, FROM 10:00 AM TO 18:00 PM, BY APPOINTMENT ONLY¹

LENGTH: 60-90 MINUTES

1,00€/STUDENT

EU ESTOU NO MUSEU² / I AM IN THE MUSEUM²

PÚBLICO PRÉ-ESCOLAR E 1º E 2º CICLOS DO ENSINO BÁSICO

PROJETO EDUCATIVO EM TORNO DAS EXPOSIÇÕES

ILHÉUS DE MOIRA FORJAZ E STRATA DE DEANNA SIRLIN

PARTICIPAÇÃO GRATUITA

PRE-SCHOOL AND 1ST AND 2ND TIERS OF PRIMARY EDUCATION AUDIENCE

EDUCATIONAL PROJECT CENTRED ON THE EXHIBITS

ILHÉUS BY MOIRA FORJAZ AND STRATA BY DEANNA SIRLIN

FREE ADMISSION

FAMÍLIAS / FAMILIES

VISITAS COM OFICINA / TOURS WITH WORKSHOP

PARA FAMÍLIAS COM CRIANÇAS ENTRE OS 5 E OS 12 ANOS, MEDIANTE MARCAÇÃO PRÉVIA¹

DURAÇÃO: 60 MINUTOS

2,50€ / CRIANÇA

FOR FAMILIES WITH CHILDREN BETWEEN 5 AND 12 YEARS OLD, BY APPOINTMENT ONLY¹

LENGTH: 60 MINUTES

2,50€ / CHILD

¹INSCRIÇÕES: SERVIÇO EDUCATIVO / REGISTRATIONS: EDUCATIONAL DEPARTMENT

ONLINE: WWW.FEA.PT/EDUCACAO | EMAIL: SERVICOEDUCATIVO@FEA.PT | TEL.: +351 266 748 350

²PROGRAMA ESPECÍFICO E OUTRAS ATIVIDADES DO SERVIÇO EDUCATIVO EM WWW.FEA.PT/EDUCACAO

SPECIFIC PROGRAM AND OTHER ACTIVITIES OF THE EDUCATIONAL DEPARTMENT AT WWW.FEA.PT/EDUCACAO

A exposição **Ilhéus** integra 4 fotografias 65,5 x 94 cm e 40 42 x 62 cm impressas em papel fine art na África do Sul pela autora.

The exhibit **Ilhéus** consists of 4 65,5 x 94 cm and 40 42 x 62 cm photographs in fine art paper printed in South Africa by the author.



ILHÉUS

MOIRA FORJAZ

FUNDAÇÃO EUGÉNIO DE ALMEIDA
CENTRO DE ARTE E CULTURA
ÉVORA 19.09.20

CENTRO DE ARTE E CULTURA
DIREÇÃO ARTÍSTICA JOSÉ ALBERTO FERREIRA

LARGO DO CONDE DE VILA FLOR
7000-804 ÉVORA
T. +351 266 748 350
CENTRODEARTEECULTURA@FEA.PT
WWW.FEA.PT
FACEBOOK.COM/CENTRODEARTEECULTURAFEA
#ILHEUS
#MOIRAFORJAZ

HORÁRIO:
TERÇA-FEIRA A DOMINGO,
DAS 10:00 ÀS 13:00
E DAS 14:00 ÀS 18:00

OPENING HOURS:
TUESDAY TO SUNDAY
FROM 10:00 TO 13:00
AND FROM 14:00 TO 18:00